

POR QUE PENSAR O CURRÍCULO?

Giancarlo de França Aguiar – giancarl@up.com.br

Universidade Positivo - UP, Engenharia da Computação

Rua Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300, Campo Comprido

81280-330 – Curitiba – Paraná

Maristela Regina Weinfurter Teixeira – maristela.weinfurter@up.edu.br

Bárbara de Cássia Xavier Cassins Aguiar – babi.eg@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Expressão Gráfica

Centro Politécnico, Jardim das Américas

81531-990 – Curitiba – Paraná

***Resumo:** Existe uma preocupação geral acerca da qualidade da educação em nosso país. Há um consenso de que o processo de aprendizado humano é por sua vez extremamente complexo e rodeado por um conjunto muito vasto de variáveis. O currículo como variável é uma construção humana, e como tal, carrega as marcas do tempo e do espaço social de suas construções. Este trabalho objetiva valorizar a discussão do currículo nos estudos pedagógicos e fomentar a consciência cultural da escola como instituição facilitadora do ensino. Cada vez mais os estudantes estão nos questionando a cerca da importância de determinados conteúdos trabalhados em sala de aula. Conteúdos que historicamente tiveram a sua importância, mas que no contexto atual podem não ser mais tão significativos. Pensar, repensar, discutir e refletir o currículo parece uma saída coerente para este dogma atual. Um papel importante do professor crítico é encorajar o desenvolvimento de condutas, modelos sociais e crenças que estejam em harmonia com a nova sociedade.*

***Palavras-chave:** Currículo, Importância dos Conteúdos, Professor Crítico.*

1 INTRODUÇÃO

A educação pode ser avaliada como um processo sobre o qual o conhecimento “se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza”, espalhando os seus resultados na sociedade (VASCONCELLOS, 1995).

Existe uma preocupação geral acerca da qualidade da educação em nosso país. Há um consenso universal de que o processo de aprendizado humano é por sua vez extremamente complexo e rodeado por um conjunto muito vasto de variáveis. Um apontamento discutido e realizado na Universidade Positivo é a organização e planejamento das aulas institucionais. (AGUIAR, et al., 2010).

Segundo Severino (2008) o planejamento de ensino deve ser organizado e articulado por etapas, sendo elas: a justificativa, os objetivos, os conteúdos temáticos, a metodologia de trabalho, a avaliação, as leituras recomendadas e o cronograma de atividades.

Por sua vez, a organização e o planejamento de uma aula requerem a elaboração de um conjunto de processos a serem levados em consideração. Segundo Vasconcellos (2002) o plano de aula deve ser feito como uma necessidade do professor e não por exigência formal da coordenação ou direção. É a proposta de trabalho do professor para uma determinada aula ou conjunto de aulas.

Um bom planejamento de uma aula esta enraizado em um currículo bem estruturado. Contudo, tantas são as definições de currículo, que não faltam aqueles que enunciam a morte do currículo como um campo de estudo e pesquisa (PEDRA, 1997). No entanto, “o currículo é uma construção humana, e como tal, carrega as marcas do tempo e do espaço social de suas construções” (PEDRA, 1997).

Segundo Bourdieu (2009) podemos dizer que um sistema de ensino seja tanto mais capaz de dissimular sua função social de legitimação das diferenças de classe sob sua função técnica de produção das qualificações, se ele for capaz de incorporar um bom currículo que satisfaça as exigências do mercado de trabalho.

Retomar a discussão do currículo nos estudos pedagógicos é recuperar a consciência do valor cultural da escola como instituição facilitadora do ensino (SACRISTÁN, 1998). Este trabalho surgiu de uma discussão em um curso de capacitação de professores universitários na Universidade Positivo. O curso tratava de plano (O plano de ensino como estrutura para um conjunto de informações e objetivos que devem ser alcançados pelo educando. Plano que discrimina em detalhes os conteúdos pertinentes de uma disciplina, suas referências e aplicações), planejamento (como processo de previsão das indigências e otimização dos recursos disponíveis, objetivando cumprir metas no processo de ensino-aprendizagem) e currículo (como totalidade das experiências de aprendizagem realizadas no âmbito escolar, ou seja, os conteúdos discutidos em determinada disciplina), sendo que no módulo de currículo, fomos instigados a fomentar a discussão em sala de aula e refletir currículo através da publicação de um artigo.

2 DESENVOLVIMENTO

Parece não haver dúvidas de que o bom planejamento pode contribuir significativamente no processo de ensino e aprendizagem. Alguns atributos importantes do planejamento são segundo Vasconcellos (1995): a organização adequada do currículo, a racionalização do tempo, a contribuição com o não desperdiçar de atividades de aprendizagem, a auto-formação do professor, a valorização da participação dos alunos, e a expropriação a que os professores foram submetidos.

Por sua vez, é necessária segundo Sacristán (1998), certa prudência diante de observações pedagógicas com o currículo. Não se deve esquecer que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização e que atribui à educação escolar uma ajuda ao desenvolvimento, estímulo e cenário do ambiente.

Cada vez mais os estudantes estão nos questionando a cerca da importância de determinados conteúdos em variadas matérias. Conteúdos que historicamente tiveram a sua autoridade, mas que no contexto atual podem não ser mais tão significativos. Pensar, repensar, discutir e refletir o currículo parece uma saída coerente para este dogma atual.

Um papel importante do professor crítico é conforme Moreira (1990) encorajar o desenvolvimento de condutas, modelos sociais e crenças que estejam em harmonia com a nova sociedade. Se alimentar das vontades e interesses dos estudantes e do mercado pode ser um grande passo na transição da desapropriação do professor teórico para o professor crítico.

Ainda segundo Moreira (1990) a teoria do currículo segue novas direções, já que a abordagem técnica (que originalmente pressupõe uma escolaridade tecnicista e profissionalizante) de questões curriculares esta sendo gradativamente substituída, ao menos em nível de discurso, por uma abordagem fundamentalmente sociológica (que pressupõe uma formação geral, humanista e científica). Em uma pesquisa com professores universitários, ele cita que os professores alegam que diante das reflexões sobre currículo, elas pouco

contribuem para instrumentalizar o especialista, e sim dão grande importância aos aspectos políticos do currículo.

Estudar e beber historicamente de currículo nos leva a dois autores precursores na reflexão: J. Dewey e C. Bobbitt. Segundo Pedra (1997), John Dewey entendia o currículo como algo voltado para o professor, enquanto Bobbitt, ao contrário, entendia-o como algo dado ao aluno.

Para Dewey (1978) o “currículo dá ao educador a possibilidade de determinar o ambiente, o meio necessário a criança, e assim dirigir indiretamente a sua atividade mental. Conforme Bobbitt “o currículo é aquele conjunto ou série de coisas que as crianças e os jovens devem fazer e experimentar a fim de desenvolver habilidades que os capacitem a decidir assuntos na vida adulta”.

Para Moreira (1990) a grande preocupação como o ensino de currículos e programas justifica-se pela necessidade de verificarmos a congruência entre o que os teóricos discutem e propõem e o que é ensinado aos futuros especialistas.

Contudo parece comum a grande maioria dos estudiosos, que o currículo tem desde a sua origem um caráter ambíguo e deve ser encarado como tal. Segundo Silva (2001) o currículo pode ser encarado como um fetiche. O fetiche deve a sua existência a ambigüidade. É matéria e é espírito. Humano e divino. Conceito e coisa. Autônomo e dependente. O currículo assim como o fetiche, afirma e nega. Fascina e repugna. Autêntica por um momento a autonomia do sujeito apenas para, no seguinte, pô-la em dúvida. Sem dúvida o currículo é presença e ausência.

O currículo deve proporcionar em suas bases uma relação favorável de pesquisa e extensão, onde o estudante é motivado a examinar novas linhas de raciocínio intelectual e desenvolver e construir a sua própria concepção a cerca das abordagens tratadas em sala de aula.

O que caminha em contramão as discussões da educação nacional são determinadas políticas governamentais, que em geral, são ainda insuficientes e muitas vezes ineficientes e ineficazes. Segundo Vasconcellos (1995) as condições de trabalho dos profissionais da educação ainda são muito degradantes. Existem as relações de poder (em suas várias esferas) muito opressivas e a vivência cultural é por sua vez extremamente precária e alienante. A distribuição dos bens naturais, dos bens políticos e dos bens simbólicos é muito desigual.

Diferentemente do ensino fundamental ou médio (onde na maioria das vezes o professor deve seguir uma apostila ou livro com conteúdos pré-determinados) que preparam os estudantes para o ingresso no ensino superior, as universidades (instituição pluridisciplinar de formação) devem privilegiar a reflexão e discussão em salas de aula. Os currículos não podem mais ser engessados, e devem ser moldados a realidade de cada turma (privilegiando a sua natureza, os seus costumes, a sua regionalidade e os seus interesses, sejam eles de ordem econômica ou social). O professor que é um dos principais agentes no processo de ensino e aprendizagem deve ser um orientador e facilitador desse processo.

Segundo Severino (2008) a aquisição de conhecimento e postura investigativa não se dá espontaneamente por osmose, sendo necessário ao professor intervir com mediação, com configuração teórica e com desenvolvimento prático que subsidiem o aluno nesse processo. Discutir o currículo trata-se de demonstrar ao educando que o conhecimento é a única ferramenta que dispomos para cuidar de nossa existência.

Em contramão a um bom planejamento de aula e um currículo bem organizado, está a carência de horas para que os professores possam se dedicar ao estudo, pesquisa e preparação. Sem dúvida, que o educador moderno deve se preparar para um novo cenário (inclusão de mídias, novas tecnologias, e inserção de atividades extracurriculares) no processo de ensino e

aprendizagem, no entanto, as instituições de ensino devem oferecer um espaço adequado ao docente, oferecer educação continuada e disponibilizar horas de permanência para a uma boa elaboração de pesquisas e materiais didáticos.

Segundo Vasconcellos (1995) do ponto de vista objetivo, poderíamos fazer muitas considerações sobre as verdadeiras condições em que se encontram o trabalho do professor em sala de aula, sobre os materiais didáticos disponíveis, sobre o elevado número de alunos em sala de aula, sobre os baixos salários dos professores, entre outros. Quando o professor vai para a prática docente, defronta-se com uma organização fragmentada do trabalho, aonde uma gama de especialistas vão lhe dizer o que se deve fazer ou deixar de fazer, sem contar a pressão em torno dos livros didáticos, que em suma, acaba sendo uma tábua de salvação ou repetição no sentido de estruturar todo o seu curso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indicadores básicos da educação brasileira revelam certo descaso da política governamental com a educação em nosso país. Os sistemas de ensino atravessam uma crise, e suas razões são muito extensas, no entanto, existe um consenso geral de que essas deficiências se manifestem segundo três razões principais: a iniquidade (desigualdade no acesso aos serviços de ensino), a ineficácia (falta de correlação entre os gastos em serviços de ensino e seu impacto em padrões educacionais) e a ineficiência (incorreta utilização de recursos com serviços de ensino).

Em geral, cada instituição de ensino está inserida em uma realidade que às vezes é muito distinta entre si (por exemplo: a sua forma de organização política pedagógica, a sua infraestrutura física, a região a que está introduzida, as demandas a que deve obedecer, entre outros). Contudo, mesmo diante de indiferenças os educadores fomentam que um bom planejamento de currículo está amarrado há um conjunto muito vasto de variáveis, e que deve possuir características fundamentais.

O pensar currículo está enlaçado a um grande número de fatores e responsáveis, e muitos são os agentes envolvidos. Iremos aqui ilustrar dois de grande importância (o professor e a escola). A Figura 1 a seguir ilustra simplificada um conjunto de necessidades dos agentes.

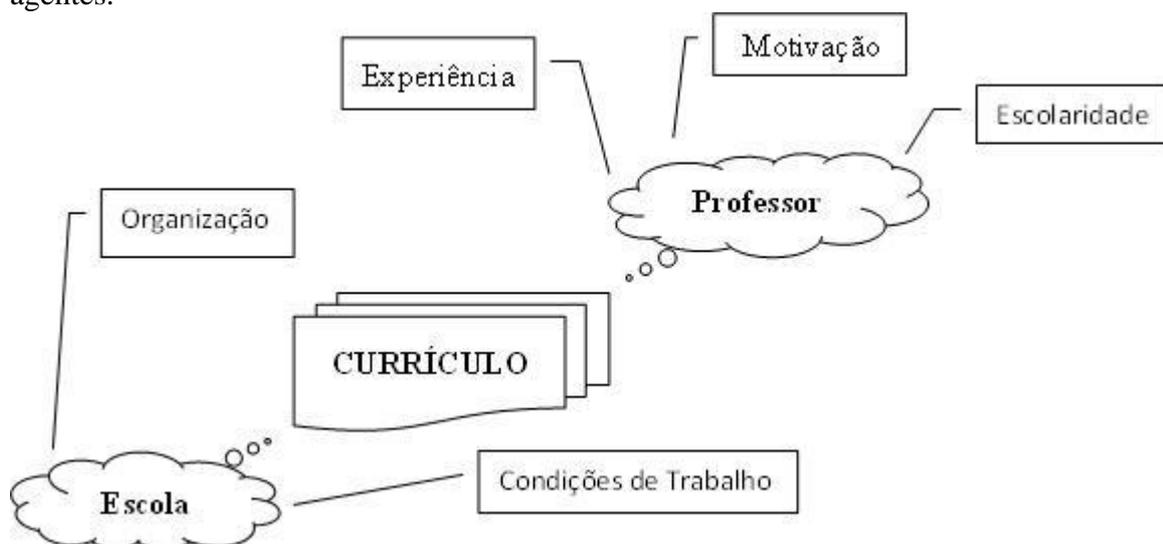


Figura 1- Necessidades dos agentes que fomentam a discussão sobre currículo.

Um bom currículo está condicionado à experiência do corpo docente encarregado, a motivação desses profissionais, ao grau de escolaridade desses professores, a conjuntura e organização escolar acadêmica e as condições de trabalho oferecidas (pela escola) ao professor (horários de permanência, programas de educação continuada), entre outros. Abaixo são citados alguns atributos que são fundamentais pelos pesquisadores defensores das reflexões em torno do currículo.

1. Descreve a concretização das funções da escola;
2. É um instrumento eficiente no processo educativo;
3. Pode, mas não deve ser um objeto estático, e sim um modelo de pensar a educação;
4. Deve ser organizado a partir dos diferentes níveis de educação;
5. Pode ser moldado através das condições da região, da cidade, da escola, bairro e ou turma (varia tanto no tempo como no espaço);
6. É um elo para o plano pedagógico;
7. Relaciona-se a soma de exigências acadêmicas como uma base de experiências;
8. Deve ser construído segundo o pensamento discente, docente, mercadológico, social e humano.

Uma nova perspectiva de currículo está sendo organizada. Novos educadores críticos constroem novos currículos pautados no questionamento e na reflexão em conjunto com os interessados (discentes, mercado, indústria, sociedade). O diálogo revolve em torno da importância dos conteúdos (competências), ou seja, quais realmente são fundamentais no nosso tempo.

Pressupondo um sistema de educação com equidade, eficácia e eficiência, parece não haver tanta divergência quanto às características proeminentes de um bom currículo. O professor moderno (crítico) deve participar dessa reflexão e promover sua discussão em sala de aula. É sair da zona de conforto. Escutar o que a sociedade tem a dizer muitas vezes pode render excelentes frutos a educação. Não cabe mais deixar de lado as possíveis contribuições que os interessados têm a dar.

A reflexão sobre currículo ajuda no “transformar” a educação. A que ordens o currículo deve seguir? Como contribuir? Será que reorganizar o currículo pode ser umas das saídas para o engrandecimento de nosso país?

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, G. F.; *et al.* Como Conquistar Alunos de Graduação? Abordagens de Sucesso na Universidade Positivo. **Anais:** XXXVIII - Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia. Fortaleza: UFCE, 2010.

AGUIAR, G. F.; *et al.* Avaliação da Eficiência Técnica de Unidades Básicas e Saúde empregando a Análise por Envoltória de Dados. **Anais:** XXX Congresso Nacional de Matemática Aplicada e Computacional. Florianópolis: UFSC, 2007.

BOURDIEU, P. A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREIRA, A. F. B. Currículos e Programas no Brasil. Campinas: Papyrus, 1990.

PEDRA, J. A. Currículo, Conhecimento e suas Representações. Campinas: Papyrus, 1997.

SACRISTÁN, J. G. O Currículo: Uma Reflexão Sobre a Prática. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 23. Ed. rev. e atualizada. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA, T. T. O Currículo como Fetiche: A Poética e a Política do Texto curricular. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e Projeto Educativo – Elementos Metodológicos para Elaboração e Realização. **Cadernos Pedagógicos do Libertad**, São Paulo, v. 1, 1995.

VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: Projeto de Ensino e Projeto Político e Pedagógico – Elementos Metodológicos para a Elaboração e Realização. São Paulo: Libertad, 2002.

WHY THINK ABOUT THE CURRICULUM? A UNIVERSITY REFLECTION

Abstract: *There is a general concern about the quality of education in our country. There is a consensus that the process of human learning in turn is extremely complex and surrounded by a very wide range of variables. The curriculum as variable is a human construct, and as such, bears the marks of time and social space of their buildings. This work aims to enhance discussion of the curriculum in educational studies and to foster cultural awareness of school as facilitator of learning. More and more students are questioning us about the importance of specific content worked in classroom. Materials that have historically had the importance, but in current context can not be so significant. Think, rethink, discuss and reflect the curriculum seems a consistent output for this current dogma. A critical role of teacher is to encourage the development of conduct, social models and beliefs that are in harmony with the new company.*

Key-words: *Curriculum, Pedagogical Studies, Content Relevance, Critical Teacher*